

A sexualidade na psicanálise: reflexões a respeito da dualidade, do gênero e da homofobia¹

Edilene de Lima,² Maringá

Este trabalho tem por objetivo discutir elementos que compõem os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, privilegiando a teoria e o método da psicanálise. Para a psicanálise, a sexualidade não equivale ao sexo, mas trata-se de um complexo, abrangente de toda a vida psíquica, em constante movimento no indivíduo e na cultura. No entanto, a fluidez da sexualidade provoca desarranjos nas ilusões de continuidade e estabilidade tanto da identidade quanto da vida afetiva. Toda forma de sexualidade inclui renúncias e frustrações à vida psíquica. Levanto a hipótese de que a homofobia pode ser entendida como uma defesa frente à fluidez da sexualidade, despertando partes perversas que julgam e condenam em desconsideração ao outro.

Palavras-chave: Psicanálise; Sexualidade; Homofobia

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no II SIES – Seminário Internacional de Educação Sexual – em Maringá, em 2011, e consta nos anais do evento.

² Psicóloga clínica, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Professora do Curso de Graduação de Psicologia do Centro Universitário Ingá (UNINGÁ).

A psicanálise toma como premissa a dualidade, termo usado para descrever a concepção explicativa baseada na presença de dois princípios opostos, inconciliáveis entre si e incapazes de uma síntese final. Freud viveu e produziu dentro do paradigma da ciência moderna, hegemônico até hoje e que raciocina por dicotomias, opondo, por exemplo, natureza x cultura, sentimento x razão, corpo x mente. Essa dualidade favorece o modelo médico que opõe saúde x doença, bem como o modelo moral certo x errado.

De que forma a psicanálise articula a polarização na descrição de conceitos e funcionamento psíquico? Que recursos e limitações podem advir dessa premissa? Proponho apresentar reflexões sobre essa questão especificamente no que diz respeito ao tema da sexualidade. Pretendo, ainda, explicitar as relações existentes com as questões de gênero e compreensões sobre o fenômeno da homofobia.³

O caminho que proponho se inicia por procurar os elementos que compõem os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, assim como as suas implicações e repercussões para, então, pensar os desvios. A seguir, será analisada a sexualidade que, para a psicanálise, não equivale ao sexo, mas, ao contrário, trata-se de um complexo, abrangente de toda a vida psíquica, em constante movimento no indivíduo e na cultura. Ao final, levanto a hipótese que a homofobia pode ser entendida como uma defesa frente à fluidez da sexualidade.

Sexo, gênero e sexualidade

O sexo é definido pelo vértice biológico, anatômico. Ao menos na grande maioria dos casos, é possível que a dualidade seja suficiente nessa definição, presença/ausência de pênis ou presença/ausência de vagina. No entanto, fica excluído dessa estereotipia o intersexo. A pesquisadora americana Anne Fausto-Sterling (Sanchez, 2003) estima que um a cada 1.500 bebês nasce com alguma variação no desenvolvimento genital. É um número bastante superior, por exemplo, ao de nascimento de albinos, estimado em um a cada 17.000. Essas variações podem ocorrer nos órgãos genitais externos ou nas gônadas, e escapam à possibilidade de definir se o bebê é menino ou menina. É preciso considerar, ao menos, mais um sexo, um terceiro sexo. Contudo, dentro das combinações dos caracteres genitais, os especialistas preferem considerar de 5 a 9 sexos possíveis. Se pensarmos uma

³ Homofobia é um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais, podendo incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação.

linha em que, do ponto de vista anatômico, nos dois extremos estão o masculino e o feminino, é possível perceber que há uma margem significativa de variação entre os pólos.

No caso dos bebês e crianças intersexo, as associações de familiares e profissionais orientam cautela no que diz respeito à orientação corrente de cirurgia para extirpar parte dos órgãos genitais ao procurar uma definição de sexo, masculino ou feminino. No caso do intersexo, uma das consequências das variações anatômicas é que o sexo pode ser definido posteriormente, guiado pelo gênero, que se relaciona à identidade, a maneira através da qual a pessoa se sente ou se percebe. A constituição da identidade, definida como a sensação de um Eu relativamente unificado, separado e diferente do outro, passa pela definição sexual.

Laplanche, em seu trabalho *O gênero, o sexo, o sexual* (2006), questiona se incluir o termo gênero na psicanálise não seria uma espécie de recalque do sexual-pulsional, a descoberta vital da psicanálise. Diz que a ideia já estaria presente em Freud que, no entanto, não usa a palavra, pois não existe termo equivalente na língua alemã. Sobre Freud, afirma:

Encontramos o enigma da masculinidade-feminilidade nos dois extremos da evolução que leva ao estado adulto. No adulto se trata do enigma de algo que não é puramente biológico, nem puramente psicológico, nem puramente sociológico, mas uma curiosa mistura dos três (Laplanche, 2006, p. 5).⁴

Laplanche trata o gênero como a convicção do indivíduo de pertencer a um dos dois grupos sociais, definidos como masculino ou feminino. Apesar de subjetivo, o gênero é construído cultural e socialmente, como uma prescrição contínua dos adultos importantes na vida da criança. Um processo que se estabelece até os dois anos de idade, anterior à percepção das diferenças sexuais anatômicas, em que a criança se vê incluída num determinado grupo e passa a se sentir homem ou mulher. Não é *natural* ou determinado pelo biológico, e sim na relação com os pais. Estes comunicam - consciente e inconscientemente - suas expectativas e concepções acerca do gênero da criança.

Ramos (2008), em seu livro *Histeria e psicanálise depois de Freud*, aponta autores, especialmente Nitza Yarom, que validam a ideia de gênero no estudo da histeria e da sexualidade. Ao propor uma síntese, a autora se depara com a polarização de teorias, acabando por dar às ideias um tratamento de composição e de complementariedade. Propõe uma espécie de integração da importância de aspectos pré-edipianos (representados pelas teorias que priorizam a relação

⁴ N.R.: Tradução livre.

mãe-bebê na constituição do psiquismo) e os aspectos edipianos (representados pelas teorias que enfatizam os elementos do complexo de Édipo como matriz dos significados do sujeito) na questão da sexualidade. Esta continua sendo primária, com manifestações primitivas, “mas também pode ser vista como defesa ou, ainda, como integração do edipiano com o pré-edipiano” (Ramos, 2008, p. 216). Masculino e feminino são considerados como forças libidinais que podem ser observadas de forma mais ampla nas relações em geral.

Mas o masculino e feminino não são categorias ou definições estanques. Como forças, ambos se combinam e produzem arranjos bem variados. Se levarmos em consideração a possibilidade de definição da sexualidade por pólos, perceberemos que, entre eles, há uma gama de possibilidades e mesclas, fato que pode inclusive nublar os contornos das próprias definições. Assim, a dualidade nos serviria como um orientador e, se interpretada como extremos que criam um campo intermediário, poderia ampliar a margem de pesquisa e de observação. No entanto, tal campo intermediário parece exigir do observador certa abstenção, ou um tipo de suspensão fenomenológica, quanto aos padrões sexuais pré-estabelecidos.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) coloca a sexualidade com seu início na infância e define o desenvolvimento humano como psicosssexual. Desde aqui fica evidente que, para a psicanálise, a sexualidade constitui um complexo, de contorno pouco claro, que pode incluir o sexo e a atividade sexual ou sensual. A noção de libido é utilizada pelo autor como energia sexual de vida, capacidade criativa, desejo, distinguindo-se da experiência ou vivência genital, ou seja, da genitalidade. Desde o nascimento, a criança percebe como gratificante, prazeroso, receber atenção para as suas necessidades básicas. As diferentes zonas do corpo vão sendo investidas de energia e excitação, proporcionando o desenvolvimento da sexualidade infantil, cuja base inicial é justamente essa atenção. No entanto, tal prazer não fica restrito à saciedade física, pois as zonas corporais se tornam fonte e alvo de fantasias e de manifestação de desejo.

Freud procura definir os desvios ou aberrações sexuais, separando dois aspectos. Primeiro, considera os desvios em relação ao *objeto sexual*, entendendo objeto como a pessoa a quem o desejo é dirigido, e define como normal a escolha pelo sexo oposto ao do indivíduo. Além disso, adota o termo inversão para a escolha do mesmo sexo. Freud descarta as teorias de degenerescência e o caráter congênito para explicar a natureza da sexualidade invertida. Considera que a sexualidade é determinada por múltiplos fatores e que isso se reflete por meio da variedade das atitudes sexuais com que os seres humanos podem se manifestar e se expressar. Em uma das notas acrescentadas em 1915, procura afastar a homossexualidade

como característica patológica, dizendo que “[...] as ligações libidinosas com pessoas do mesmo sexo desempenham um papel tão importante como fatores na vida psíquica normal, e mais importante como causa da doença, quanto ligações idênticas com o sexo oposto” (Freud, 1969a, p. 36).

A sexualidade teria que ser pensada na sua pluralidade multifacetada e a escolha de objeto não poderia ser tomada como algo patológico *a priori*. Essa ponderação é apresentada por McDougall (1997) quando ela propõe o termo *soluções neo-sexuais* para aquilo que é considerado desviante ou sintomático nas sexualidades. Reforça a ideia de que se trata de homossexualidades, heterossexualidades e sexualidades auto-eróticas, cujas manifestações e dinâmicas variam tanto que necessitam ser pensadas no plural e que não devem ser tomadas sintomáticas ou assintomáticas aprioristicamente.

Na tentativa de rever termos carregados de moral, Jurandir Freire Costa (1992) propõe o termo homoerotismo para designar as pessoas que têm como objeto de desejo pessoas do mesmo sexo. Os motivos estão expostos em seu livro *A inocência e o vício*, em que realiza um resgate histórico e relaciona o uso do termo homossexual ao século XIX e à qualificação desses sujeitos como moralmente inferiores. Prefere a noção de homoerotismo ao invés de homossexualidade ou homossexualismo: “Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas e desejos dos homens *same-sex oriented*” (Costa, 1992, p. 21). Esta outra palavra possui a vantagem de marcar o afastamento da ideia de essência ou estrutura, de traços comuns ou uniformes em todos os homossexuais. Além disso, afasta-se da noção de desvio, doença, anormalidade ou perversão.

O segundo aspecto considerado por Freud para descrever os desvios sexuais encontra-se relacionado ao *objetivo sexual*. O objetivo final seria a cópula, união dos genitais a fim de descarga de excitação sexual. O caminho do desenvolvimento psicosssexual é marcado por fases que se iniciam na oralidade, passam pela analidade e se encaminham à resolução na fase genital. No entanto, o uso de outras zonas do corpo, como tocar, olhar ou beijar, atividades que poderiam ser consideradas desviantes ou perversões, constituem formas de prazer por si próprias e, ao mesmo tempo, integram o conjunto de excitações sexuais. Nesse caso, qual seria, então, o desvio? O objetivo de descarregar a excitação sexual com a atividade de união dos genitais fica pervertido. Freud vai considerar perversões as atividades que se distanciam do objetivo sexual ou que substituem o objeto sexual por partes do corpo ou até mesmo por objetos inanimados, como no caso do fetiche. Assim, essas atividades, que podem compor a vida sexual normal, quando tomadas como exclusivas e o objetivo sexual inteiramente abandonado, indicariam sintomas.

A psicanálise funda seus conceitos na descoberta da sexualidade infantil, das

zonas erógenas, da sexualidade perverso-polimorfa como manifestação humana, bem como na bissexualidade psíquica.

Castro (2000) lembra que a sexualidade é composta de pulsão de vida e de morte. O conflito do homem com sua sexualidade é o conflito consigo mesmo, e dura toda a sua existência. Aquilo que Laplanche (2006) define como o *sexual* relaciona-se a essa forma de compreender a sexualidade, complexa e ambígua. “O sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, encontra seu fundamento na repressão, no inconsciente, no fantasma. É o objeto da psicanálise” (p. 1).⁵

O complexo sexual

Até aqui, o dualismo nos seguiu lembrando as polaridades, os opostos, mas apontando a necessidade de caminhar por todo o trajeto de possibilidades que se vislumbra entre os pólos. Ou ainda, como Yarom (2005, *apud* Ramos, 2008), podemos pensar em compor, ao invés de opor.

Como um organizador das etapas de desenvolvimento anteriores, o complexo de Édipo congrega fantasias e acaba por desembocar na dupla identificação masculina e feminina. As diferenças entre o menino e a menina em relação ao objeto caracterizam a dinâmica do processo de desenvolvimento psicosssexual. Ambos se apegam inicialmente ao objeto materno feminino, embora o menino tenha que encontrar um objeto do mesmo sexo que o objeto primordial e a menina terá o complicador de deslocar o objeto de desejo inicial, ou seja, da mãe ao pai, e depois substituí-lo por outro objeto do mesmo sexo.

Sabemos que a percepção da diferença sexual é considerada, na psicanálise, como fundamental para a constituição do psiquismo. Desde Freud, estamos convencidos de que o psiquismo é baseado no jogo ausência e presença do pênis. Quando os temas são relacionados à perversão, essa discussão fica ainda mais importante, especialmente pelo mecanismo da recusa e da negação da castração como recurso defensivo básico nos funcionamentos perversos.

Hanna Segal (1992) afirma que, ao contrário do que possa aparentar, Melanie Klein considerou o pai e identificou o complexo de Édipo em fases primitivas, antes da fase genital, mas abordando-o com fantasias e medos que inclusive diziam respeito à castração. Descreveu o complexo de Édipo no primeiro ano de vida, relacionando-o à diminuição do sadismo. Dar-se conta da relação entre os pais, e da relação que o bebê estabelece com cada um deles, também compõe ganhos

⁵ N.R.: Tradução livre.

da posição depressiva conforme postulada por Klein. Esse processo provoca defesas, entre as quais a regressão, e ansiedades paranóides decorrentes da culpa pelos ataques na fantasia. Inobstante tal fato, o temor à castração é fundamental, independentemente do sexo da criança. Levanta a hipótese de que a bebê-menina já intui a vagina e a possibilidade de receber, de ser preenchida. Apesar das diferenças, especialmente aquelas relacionadas à anatomia, o que parece mais rico são as posições infantis homossexual e heterossexual como constituintes e dinâmicas, e que os desejos feminino e masculino estão sempre presentes. O seio e o pênis, bem como tudo que representam de criatividade, fertilidade e conteúdo de objetos bons a serem internalizados, compõem a vida mental de todos os sujeitos.

Green (1988) discute a bissexualidade que permanece além das fases iniciais do desenvolvimento da criança como fonte de uma espécie de negação da sexualidade, falando em um gênero neutro que, mesmo sem conseguir ser completo, também não renuncia a nenhum gênero, sendo essa negação fonte de impedimento para o exercício ou para a vivência da sexualidade. Relata o caso de uma paciente intersexo que não aceita nenhum tratamento que pudesse encaminhar a definição de sou homem ou sou mulher, pois não consegue se imaginar vivendo como homem ou mulher. Para esta paciente, optar dentro da dualidade não seria suficiente para definir a experiência com a sexualidade. Sexo e sexualidade não são equivalentes.

A inadequação em psicanálise de qualquer equivalência entre sexo e sexualidade, bem como as tipificações, especialmente em relação aos analistas homens e mulheres, é apontada por Sandler (1999). Esse autor desenvolve as implicações de se exercitar ou desenvolver a capacidade da *tolerância aos paradoxos* e a apreciação sem julgamentos:

Há um fato óbvio em análise: *duas pessoas ficam fechadas em uma sala*. Psiquicamente, penso que podemos observar que elas podem exercer feminilidade/masculinidade; individualmente (intrapsiquicamente) e no relacionamento com outra pessoa. [...]. Estou considerando um paradoxo que não é para ser resolvido e sim ser tolerado [...] feminilidade/masculinidade como funções mentais *indissolúveis, porém inconfundíveis* com sexo sensual e/ou biologicamente considerado (p. 462).

Sandler (1999) adota a ideia de feminilidade como aquilo que é receptivo, algo que permite a penetração fertilizante, diferente de passividade. Relaciona o caráter de passivo ou ativo não ao sexo, mas a “graus de subserviência do desejo” (p. 465), sugerindo pensar a passividade como a subserviência ao princípio do prazer/desprazer, sob o domínio da pulsão de morte e de retorno ao inanimado.

A potência ativa estaria sob a égide do princípio da realidade, vontade, força direcionada a modificar a realidade material ou psíquica.

Todo esse complexo dá ao humano a riqueza da sexualidade vivenciada de forma única, singular, como algo que possui contornos pouco precisos, com ambiguidades, e ao mesmo tempo resultante do caldo de processos maturativos, afetivos, experiências, ainda vivos e inconclusos. Como conviver com tanta fluidez?

É uma fluidez desconcertante. Ficamos com o incômodo do caráter inventado, cultural, incompleto e instável da identidade de todos os sujeitos. Para o indivíduo, o processo tem início nos exames pré-natais com a curiosidade: é menino ou menina? A partir daí, ocorre a construção de um corpo masculino ou feminino, dos hábitos e, em alguma medida, a construção do próprio desejo. As expectativas criam uma relação de dependência obrigatória entre sexo, gênero e sexualidade, imprimindo a seguinte lógica: pênis → menino → desejo por mulheres, comportamento heterossexual.

Se usarmos a forma do paradoxo conforme proposta por Sandler (1999), podemos aceitar que a questão da identidade estável é uma espécie de ilusão necessária, algo que permite ou possibilita a constituição do ser. No entanto, essa mesma instabilidade ou fluidez permite a criatividade, no sentido transgressor inclusive, em que o rompimento ou a não subserviência a normas e padrões permitem o fluxo do desejo e não a sua liberação total, o que poderia equivaler à morte do próprio sujeito, mas sim a liberdade para experimentar e aprender sobre si. Voltaremos à relação sobre o aprender sobre si e a sexualidade mais adiante. Contudo, antes, outro ponto a se declarar sobre a fluidez é a questão do recalçamento, da renúncia tão fundamental para organizar o psiquismo e o exercício do complexo sexualidade.

A defesa homofóbica

Podemos pensar que a renúncia é inerente à sexualidade. Como nos mostrou Green (1988), a bissexualidade no gênero pode implicar a renúncia à própria sexualidade. A experiência heterossexual, homossexual, travesti, transgênero ou transexual e as formas outras que a criatividade humana é capaz de inventar, todas elas implicam renúncia.

A renúncia implica em recalçamento, aqui usado no sentido fundante do psiquismo, em que é possível separar, tornar inconsciente, livrar a mente do excesso, daquilo que não é possível de ser traduzido. Essa face do recalçamento

e a sexualidade estão ligados, podendo se manifestar de forma mais ou menos agregadora e construtiva ou ainda desagregadora e destrutiva.

Sendo assim, se todos renunciam no processo de construção da identidade, como poderíamos entender a intolerância e a violência aos que vivem o desejo homossexual ou manifestam alguma sexualidade fora dos padrões socialmente estabelecidos? No Brasil, estão documentados índices alarmantes de assassinato de homossexuais. O Grupo Gay da Bahia (GGB) vem monitorando dados de morte relacionados à homofobia há 38 anos. No ano de 2017, foram registradas 445 mortes, um número 30% maior ao registrado em 2016. Estima-se que, no Brasil, uma pessoa do grupo de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais é morta a cada 19 horas. Um índice aproximado de 87% das mortes registradas em 2017, foram consideradas violentas, com uso de armas de fogo, arma branca, espancamento, asfixia; algumas com requintes de crueldade e registros em vídeos publicados nas redes sociais. Em 58 casos, ou seja, aproximadamente 13% das mortes, o registro foi morte por suicídio (Valente, 2018).

Estaríamos diante de uma sensação de afronta à própria renúncia? Seria possível que o diferente nos faça provocar o retorno de emoções ligadas ao estado de bissexualidade originária, lembrando-nos o trabalho de recalque e de renúncia construído?

O estabelecimento das renúncias concretas e simbólicas descritas no complexo de Édipo associadas ao caldo bio-psico-social que compõem a identidade sexual, bem como o seu caráter inacabado e dinâmico, tudo nos indica o quanto de trabalho psíquico é despendido para lidar com a sexualidade.

Em *Elementos da psicanálise*, através dos mitos do Jardim do Éden e da Torre de Babel, Bion (1963) aborda a questão da dialética envolvida na busca pelo conhecimento. O sexo e a sexualidade estão representados no desejo de deidade e nas punições infligidas por Deus. É um Deus antropomórfico e que, assim, representa partes do humano. Há um impulso para conhecer, impulso epistemofílico, já descrito por Freud. No entanto, inerente à ação de buscar o conhecimento, existe a experiência de se sentir desacomodado, expulso, fora de certa zona de conforto e de constância.

No mito do Jardim do Éden, a história da criação, a sede de conhecimento encontra-se ligada à vontade de desafiar Deus. Adão e Eva não poderiam se alimentar da fonte do conhecimento e discernir entre bem e mal. O conhecimento está condicionado ao comer, oralidade ou sexualidade oral, e, ao mesmo tempo, à constituição da moral, a mesma que Freud descreveu como uma contenção para os impulsos assassinos. O exílio e o abandono são as punições para a ação de buscar o conhecimento.

Quando se veem nus, Adão e Eva descobrem as diferenças sexuais e o próprio sexo, e é como se a vontade de Deus representasse a força contrária à separação e individuação. A psicanálise propõe a existência e a constituição do inconsciente a partir da instauração de um corte, de uma separação, do recalçamento. Sugere, assim, o Éden como representação da vida psíquica primitiva e os elementos do mito como forças psíquicas em constante movimento, forças estas que impulsionam o conhecimento e outras que desencorajam e ameaçam com punições, entre as quais o abandono e o exílio.

Por sua vez, no mito de Babel, a questão é chegar a Deus, com uma torre construída coletivamente e tão alta que possa alcançar o céu. No entanto, Deus procura garantir o seu direito de ocupar o céu sem ser incomodado e, ao destruir a comunicação, a confusão se instala, trazendo consigo uma espécie de exílio, isolamento e esterilidade. A linguagem e a comunicação estão em destaque, assim como a sua função de servir à cooperação e à construção. Para Bion (1963), os aspectos da sexualidade oral (por exemplo, o comer e a linguagem) e genital (por exemplo, torre e cidade), do superego repressivo, que estabelecem ligação e vínculo através da linguagem, possibilitam o conhecimento de si e o aprendizado.

Os arranjos diversos que podem tomar os elementos constitutivos do psiquismo, em cuja direção a pessoa pode se aproximar verdadeiramente de si mesma, é o que interessa a Bion no curso de uma análise. Como efeito das interpretações, espera-se a reintegração renovada dos elementos. Interessa-se em identificar como os elementos da sexualidade, representados por meio dos mitos, estão presentes na experiência da dupla analista-paciente. São aspectos da dupla, mas também próprios do humano. Referindo-se aos mitos citados e ao próprio Édipo, Bion (1963) afirma: “Em todos, destaca-se a penetração em um lugar ou estado de bem-aventurança, a ingestão ou a expulsão deste estado. Conhecimento sexual e prazer são características proeminentes do conhecimento procurado e proibido” (p.78). O conhecimento e a comunicação cooperativa e fértil estão em negociação com os estados humanos de confusão e de dispersão.

No conto *Homem de areia* de Hoffman, que Freud (1919) analisa em seu escrito *O estranho*, um dos pontos destacados é o ataque à capacidade de ver, isto é, um ataque aos olhos, assim como, para Édipo, o castigo pela curiosidade e pelo conhecimento é a cegueira. O homem de areia joga areia nos olhos de crianças que dão vazão ao impulso epistemofílico.

Essa leitura de *O estranho* também nos leva à questão da resistência emocional que pode se levantar quando nos deparamos com algo diferente, mas que é, de maneira simultânea, familiar. É como um estranho conhecido, um antigo

conhecido que foi esquecido. Ao mesmo tempo em que desperta uma espécie de afastamento, gera atração, curiosidade.

Bleger (1988), analisando o escrito de Freud, acentua a ideia de que o estranho é produzido ao tocar em partes clivadas do Ego, que remete a mecanismos primitivos ou a estágios primitivos de desenvolvimento como os relacionados à posição *gliscocárica*, regida pela descarga motora e princípio do prazer. Não se trata de retorno do reprimido, mas aos estados primitivos do Ego, os quais já haviam sido superados ou estavam clivados. O efeito do *estranho*, especialmente em Egos menos maduros e menos integrados, é a atuação, dando vazão a impulsos ou desejos que não sofreram a ação de mecanismos repressivos, como, por exemplo, a violência. Vale lembrar que o conto finaliza com uma tentativa de homicídio e, em seguida, o suicídio do protagonista.

Poderíamos relacionar essa descrição do estranho com a homofobia? A manifestação de repulsa e agressão física exibida no filme *Meninos não choram* (Pierce, 1999) representa tal situação. Uma garota no início da adolescência, que se veste e age como menino, é violentada e espancada ao ser descoberta pelo grupo de meninos. Como o *estranho* - o de fora, o externo ao Ego - provoca partes clivadas, estranhamente familiares, acaba por disparar uma fúria assassina como necessidade de extirpar a experiência, de livrar-se do incômodo, pela impossibilidade de reconhecer, no caso do filme, a bissexualidade ou uma maneira diferente de ser menino/a. Outra possibilidade seria compreender como uma manifestação dos elementos dos mitos. Uma espécie de recusa de conhecer algo estranho, *uma menina que é menino*, deflagrando a fúria de um Deus que não quer ser incomodado no seu céu e que, na sua vingança, condena ao sofrimento, ao isolamento.

No escrito *A negativa*, Freud (1925) pensa acerca da função do julgamento, que implica em saber se alguém possui ou não algo, e se esse algo existe ou não na realidade. Implica, então, em considerar a realidade com um teste de realidade. É o jogo do interno/externo. Para o Ego-prazer, o desejo é introjetar o bom e descartar o mau, e vale destacar que, também para ele, o mau, estranho ou externo são idênticos. É como se procurasse, na realidade, algo que está no Ego como representação para ser redescoberto pela percepção, pelo sensorial. Encontrar ou reencontrar aquele objeto para poder se apossar dele quando necessário. E o que acontece se o sujeito se depara com algo que ele vive com estranhamento? Um efeito é identificá-lo como mau e, conseqüentemente, como exterior a si: *se é estranho não sou eu, isso não tem nada a ver comigo, esse tipo de gente é assim*.

É possível, e certamente importante, expandir a reflexão para os profissionais da psicanálise que, por exemplo, se negam a atender pacientes homossexuais. Há analistas que os consideram pessoas não analisáveis. McDougall (1997),

com o objetivo de discutir situações clínicas e procedimentos específicos, separa as sexualidades (homossexualidades, heterossexualidades e sexualidades auto-eróticas) e as soluções neo-sexuais das questões de comportamento sexual ilegal, tais como estupro e pedofilia. E elabora um provocante capítulo ao final do livro, com o título *Psicanálise no divã*. Aborda a questão da idealização da heterossexualidade e de preconceitos por parte dos psicanalistas, apontando o aspecto perverso presente na contratransferência, por exemplo, quando eles são dominados pelas expectativas sobre o comportamento sexual do analisando.

Considerações finais

O tema é rico e instigante o suficiente para abrir vários outros caminhos de pensamento que não puderam ser abordados aqui. Um deles é a teoria *queer* citada por Dejours (2006), a qual, segundo ele, subverte a diferença de gêneros e a diferença sexual, apoiando-se em Foucault.

Outro caminho seria aprofundar a noção de *dessexualização* da perversão, proposta por Lia Raquel Colussi Cypel como uma expansão do que pode ser considerado perverso, para além das manifestações sexuais. Analise-se, assim, o aspecto perverso como universal e constituinte do ser humano, tal como Freud parece ter percebido ao descrever a sexualidade infantil perverso-polimorfa.

Neste trabalho, procuramos expor uma face da dualidade que cria polarizações, mostrando que, entre os pólos, podem ser desenhados variados formatos que possuem características de ambos e incapazes de serem reduzidos a definições pré-estabelecidas. No entanto, essa fluidez nos provoca desarranjos nas ilusões de continuidade e estabilidade. Estamos imbricados na dialética do conhecer: a satisfação do impulso, expansão do contato consigo e com o mundo, conflitando com a sensação de ser expulso do paraíso. As vivências, as fantasias e os encontros humanos nos confrontam com o estranho, com o externo, que, ao mesmo tempo nos é familiar, trabalhosamente escondido ou distanciado. A angústia de reencontrar esse estranho pode despertar a parte perversa, que julga e condena, que trata a parte pelo todo, que não leva o desejo ou necessidade do outro em consideração. Não há tempo para o teste de realidade, pois ele não suporta o paradoxo, substituindo a busca da verdade pela moral. □

Abstract

Sexuality in psychoanalysis: reflections on duality, gender and homophobia

This paper aims to discuss elements that make up the concepts of sex, gender and sexuality, privileging the psychoanalytic theory and method. For psychoanalysis, sexuality is not equivalent to sex, but it is a complex that encompasses all psychic life, constantly moving within the individual and in culture. However, the fluidity of sexuality causes disarrangement in the illusions of continuity and stability both of identity and of affective life. Every form of sexuality includes renunciations and frustrations to psychic life. I raise the hypothesis that homophobia can be understood as defense against the fluidity of sexuality, awakening perverse parts that judge and condemn disregarding the other.

Keywords: Psychoanalysis; Sexuality; Homophobia

Resumen

La sexualidad en el psicoanálisis: reflexiones sobre la dualidad, el género y la homofobia

Este trabajo tiene por objetivo discutir elementos que componen los conceptos de sexo, género y sexualidad, privilegiando la teoría y el método del psicoanálisis. La sexualidad para el psicoanálisis no equivale al sexo, pero se trata de un complejo, abarcador de toda la vida psíquica, en constante movimiento en el individuo y en la cultura. Sin embargo, la fluidez de la sexualidad provoca desarreglos en las ilusiones de continuidad y estabilidad de la identidad y de la vida afectiva. Toda forma de sexualidad incluye renuncias y frustraciones a la vida psíquica. Propongo la hipótesis de que la homofobia puede ser entendida como defensa frente a la fluidez de la sexualidad, despertando partes perversas que juzgan y condenan desconsiderando al otro.

Palabras clave: Psicoanálisis; Sexualidad, Homofobia

Referências

- Bion, W. R. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Bleger, J. (1988). *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

- Castro, M. L. S. de. (2000). *A complexidade e as ambiguidades do termo sexualidade*. Trabalho apresentado no Grand Hotel Rayon em 27 de maio de 2000, durante o 4º Encontro de Psicanálise de Curitiba.
- Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Dejours, C. (2006). La indiferencia de sexos: ficción o desafío? *Alter – Revista de Psicoanálisis*, 2. Recuperado de www.revistaalter.com
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud *Obras completas*. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1919). O estranho. In *Obras completas*. (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1925). A negativa. In *Obras completas*. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*; tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta.
- Laplanche, J. (2006). El genero, el sexo, lo sexual. *Alter – Revista de Psicoanálisis*, 2, Recuperado de www.revistaalter.com
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de eros: um exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes.
- Pierce, K., (Dir.) (1999). *Boys don't cry* [Film] *Meninos não choram (BR)* [Filme]. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures.
- Ramos, G. A. (2008). *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Sanchez, F. (2003, fevereiro). O terceiro sexo. *Revista Superinteressante*. Recuperado de <https://super.abril.com.br/saude/o-terceiro-sexo/>
- Sandler, P. C. (1999). Uma teoria sobre o exercício de feminilidade=>masculinidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(3): 459-484.
- Segal, H. (1992). *O complexo de Édipo hoje: implicações clínicas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Valente, J. (2018). *Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017*. Agência Brasil – Empresa Brasileira de Comunicação EBC. 18 jan 2018 Brasília. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em-2017>

Recebido em 30/06/2018

Aceito em 15/08/2018

Revisão gramatical **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Edilene de Lima

Rua Néo Alves Martins, 2999/41
87013-060 – Maringá – PR – Brasil
e-mail: edilene.li@bol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA